http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-68092

“Saí da minha zona de conforto pela primeira vez sem perceber” – subjetividade, verdade e cuidado de Si

Anderson Ferrari[*]

Roney Polato de Castro[**]

Resumo: Nas comemorações de quarenta anos do curso “Hermenêutica do Sujeito”, somos provocados a pensar a potencialidade dessa obra para colocar sob investigação um problema que se atualiza constantemente: a relação entre a subjetividade, verdade e o cuidado de si. Pois foi respondendo a essa provocação que elegemos uma aula de Filosofia numa escola particular para problematizar essa relação. A aula se desdobrou num trabalho em que os alunos eram desafiados a saírem de suas “zonas de conforto” e, assim, entrarem contato consigo mesmos num trabalho de se tomar como objetos de investigação e de produção de discursos verdadeiros sobre si mesmos. Um trabalho em especial nos chamou atenção e ele que vamos trazer para explorar essas relações do cuidado de si que se renovam na atualidade.

Palavras-chave: Subjetividade; Verdade; Cuidado de Si; Educação.

“I left my comfort zone for the first time without realizing it” – subjectivity, truth and self-care

Abstract: In the celebrations of 40 years of the course “Hermeneutics of the Subject”, we are provoked to think about the potential of this work to put under

[*] Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor em Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anderson.ferrari@ufjf.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1349390714783997. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5681-0753.

[**] Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor em Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: roneypolato@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8537816801948657. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6385-9096.

investigation a problem that constantly updates them: the relationship between subjectivity, truth and self-care. Because it was in response to this provocation that we chose a Philosophy class in a private school to problematize this relationship. The class unfolded in a work in which students were challenged to leave their “comfort zones” and, thus, get in touch with themselves in a work of taking themselves as objects of investigation and production of true discourses about themselves. One work in particular caught our attention and we are going to bring it to explore these relationships of self-care that are renewed today.

Keywords: Subjectivity; Truth; Self-Care; Education.

“Salí por la primera vez de mi zona de confort sin darme cuenta” – subjetividad, verdad y cuidado de sí

Resumen: En los festejos de los 40 años del curso “Hermenéutica del Sujeto”, nos incita a pensar en las potencialidades de este trabajo para poner en investigación un problema que los actualiza constantemente: la relación entre subjetividad, verdad y cuidado de sí. Porque fue en respuesta a esta provocación que elegimos una clase de Filosofía en una escuela privada para problematizar esta relación. La clase se desenvolvió en un trabajo en el que se desafió a los estudiantes a salir de sus “zonas de confort” y así entrar en contacto consigo mismos en un trabajo de tomarse a sí mismos como objetos de investigación y producción de verdaderos discursos sobre sí mismos. Una obra en particular nos llamó la atención y la vamos a traer para explorar estas relaciones de autocuidado que hoy se renuevan.

Palabra clave: Subjetividad; Verdad; Cuidado de Sí; Educación.

Introdução

Numa entrevista realizada em 1978, Michel Foucault nos dá pistas de como gostaria de ser lido e, mesmo, utilizado. “Escrevo coisas que parecem utilizáveis”, afirmava ele (Foucault, 2014a, p. 80). Seguindo essa linha de entendimento, ele continua: “[…] coisas utilizáveis em um sentido diferente, por pessoas diferentes, em países diferentes, em certos casos”

(Foucault, 2014a, p. 80). E conclui propondo um certo desrespeito a sua obra. “Se alguém utiliza diferentemente o que escrevi, isso não me desagrada, e até se ele o utiliza em outro contexto para outra coisa, fico bastante contente”, de maneira que “[…] não penso que eu seja o autor da obra, e que o pensamento e a intenção do autor devam ser respeitados” (Foucault, 2014a, p. 80). É bastante esclarecedor esse entendimento a respeito da recepção da sua obra e a relação com os(as) leitores(as), algo que nos parece absolutamente importante para o que estamos propondo neste artigo, ou seja, tomar o livro *A Hermenêutica do Sujeito* (2011) como inspiração para problematizar a relação entre Sujeito, Cuidado de Si e Verdade no campo da Educação.

Como leitores de Michel Foucault e pesquisadores do campo da Educação, queremos fazer coisas com suas obras, seguindo as provocações do autor: “[…] penso que a liberdade do leitor deve absolutamente ser respeitada” (Foucault, 2014a, p. 80). Isso não significa dizer que “vale tudo” nos usos das ferramentas foucaultianas. Ao contrário, há que se ter alguns cuidados, principalmente para não tomar seus conceitos como um “manual”, como uma chave de leitura de qualquer realidade. Nesse sentido, acreditamos que essa compreensão de Foucault nos convoca a preencher seu pensamento e dar continuidade a uma forma de pensar o que chamamos de realidade como uma construção discursiva interminável. “O discurso é uma realidade que pode transformar-se infinitamente. Assim, o que escreve não tem direito de dar ordens sobre a utilização de seus escritos” (Foucault, 2014a, p. 80).

É inegável o impacto das obras de Michel Foucault na Educação, muito embora ele não tenha tomado essa área do conhecimento como foco das suas pesquisas. No entanto, autores como Alfredo Veiga-Neto (2003), Sílvio Gallo (2004, 2014), Júlio Gropa Aquino (2018), dentre outros, já se debruçaram em análises que demonstram a importância do autor para a Educação. “Por que, então, falarmos de Foucault na Educação? Ou, melhor dizendo, por que fazermos Foucault falar à Educação? Qual a atualidade de seu pensamento para o campo educacional?” (Gallo, 2014, p. 16). Na tentativa de responder essas questões, o próprio Sílvio Gallo (2014, p. 16) classifica o filósofo francês como um “instaurador de discursividade”,

ressaltando que sua “função-autor” está ancorada em um certo modo de existência, que problematiza formas de circulação e de funcionamento dos discursos no interior de uma sociedade.

Pois é esse o caminho que pretendemos percorrer aqui. Tomando-o como “instaurador de discursividade”, queremos utilizar *A Hermenêutica do Sujeito* para pensar como essa obra nos convida a novas possibilidades de pensamento e de enunciação de discursos na educação. Com isso queremos apostar na renovação e na atualização dos discursos, produzindo novos que não se prendem a ser “fiéis” a sua origem (Gallo, 2014). Isso porque no livro *A Hermenêutica do Sujeito* (2011) Foucault vai atacar uma problemática que nos parece importante ainda hoje quando pensamos os modos de subjetivação como processos educativos, quais sejam as relações entre sujeito e verdade, em uma análise histórica do cuidado de si.

Nesse sentido, é importante evidenciar que estamos considerando a educação em um sentido mais abrangente, o que implica pensar o sujeito como resultado de processos educativos que ocorrem em diferentes espaços em que circulam, e não somente o que acontece no interior das escolas e em espaços ditos formais de educação. Assim, queremos problematizar essa relação histórica entre sujeito e verdade como parte desses processos educativos que recuperam a questão central de Michel Foucault – “como nos tornamos o que somos?” – ou sua relação com a questão nietzschiana (Veiga-Neto, 2003, p. 12) – “que estão (os outros) e estamos (nós) fazendo de nós mesmos?”. Essas são questões que atravessam a educação, a escola e as práticas docentes, em um investimento na mudança social dos sujeitos.

Elegemos a aproximação com Foucault para pensar questões que foram acionadas por um professor de Filosofia dirigidas a uma turma de nono ano do segundo segmento do Ensino Fundamental, em uma escola particular de classe média de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Ao tratar das diferentes formas de investigação no campo da Filosofia, o professor propôs que cada estudante tomasse a si mesmo(a) como “campo de investigação”. A proposta era que saíssem das suas “zonas de conforto”. Para este artigo, vamos nos dedicar a problematizar a escrita feita por um estudante de quatorze anos que, a partir da inquietação proposta

pelo professor, foi capaz de produzir um conhecimento de si. Na conclusão do seu trabalho, ele escreve:

> *acho que todos devemos nos aventurar para fora do que achamos confortável. Não fiz tantas pesquisas de sites, já que esse projeto de pesquisa é algo mais pessoal. Não tem um jeito certo de se sair da zona de conforto. Apenas faça algo que você não está acostumado a fazer, como tomar banho frio ou adicionar novas comidas a sua alimentação [...] e veja os benefícios por si só*.

O trecho foi destacado para demonstrar o jogo entre o "cuida de ti mesmo" e o "conhece-te a ti mesmo". Foucault (2011) nos convida a pensar as diferentes subjetivações entre um e outro. No cuidado de si, a questão parece ser o que é possível fazer de sua vida. Esse é o exercício que o estudante coloca em ação, ou seja, ele toma sua vida como objeto e material de um trabalho possível sobre si mesmo. Trata-se de uma subjetivação do cuidado de si ligado à ética. Ao mesmo tempo, ele fala de um "nós", ampliando sua ação para uma ideia de possibilidades de condutas que serviriam a todos(as) e que deveriam ser adotadas. São essas vinculações entre o "conhece-te a ti mesmo" e o "cuida de ti mesmo" que nos interessam neste artigo.

Para a organização da escrita, vamos inicialmente relatar a aula que será tomada como foco de análise para, em seguida, nos dedicarmos às problematizações em torno de dois pontos. O primeiro, centrado no cuidado de si como um certo inquietar-se consigo mesmo, em um movimento de se colocar como objeto de investigação, de investimento na transformação de si mesmo a partir do conhece-te a ti mesmo. No segundo, queremos colocar sob suspeita o papel da educação e da escola como potencialidade de tornar-se esse espaço de transformação.

"Por que sair da zona de conforto?"

A questão acima foi o título do trabalho de pesquisa sugerido pelo professor de Filosofia. Um trabalho que surgiu a partir do conteúdo sobre formas de investigação. Dentre os diferentes métodos possíveis, a experimentação passou a despertar o interesse dos(as) estudantes, a partir dessa ideia de "experimentar coisas novas", nunca vividas. Mais do que um simples trabalho, o professor instaurou uma provocação. A ideia era que cada estudante tomasse a si mesmo(a) como objeto de investigação. O trabalho era uma espécie de convite: conhecer a si mesmo, a partir daquilo que era confortável e, no momento seguinte, experimentar situações que tirassem os/as estudantes dessa zona de conforto, escrevendo sobre essa experiência consigo mesmo.

Uma proposta que se aproxima do que Foucault (2011) vai trabalhar no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, de 1982, chamando atenção para o que seria uma primeira intenção das suas investigações, ou seja, um resgate da história da Filosofia para um certo deslocamento do imperativo socrático do conhecer a si mesmo. Sócrates propunha como verdadeiro que nos conheçamos a nós mesmos(as) e que sejamos capazes de nos constituirmos como objetos de conhecimento. Sendo assim, ele vai propor que tenhamos conosco mesmo um exercício de exame e decifração que conduza ao conhecimento. A proposta do professor lembra e renova esse imperativo socrático, de tal forma que ela parece ancorada em uma certa continuidade na história da Filosofia, da Antiguidade à Modernidade, de Sócrates aos filósofos modernos. Uma continuidade reanimada e que tenta responder a esse antigo imperativo socrático, como um destino manifesto. O que está em jogo é uma certa uniformidade dessa história e do investimento na produção de nós mesmos como sujeitos verdadeiros, como se fossemos capazes de entrar em contato com o nosso ser autêntico de sujeito somente quando colocamos em ação esse procedimento de nos conhecer a nós mesmos(as), a nos examinarmos e nos inquietarmos conosco mesmos(as) e, assim, produzirmos um conhecimento verdadeiro sobre nós mesmos(as). Portanto, mais do que um trabalho de uma disciplina, o que está sendo proposto é um

exercício de reflexão, de inquietação e de conhecimento de si, algo que extrapola a sala de aula, afetando um modo de existência.

Qual é o efeito dessa proposta nos(as) estudantes? Essa parece ser uma questão importante na relação do trabalho com os objetivos da disciplina Filosofia, com a disciplina como uma tecnologia do poder que domina e faz obedecer e com a ação dos(as) estudantes sobre si mesmos(as). Esse efeito é logo encontrado na introdução do texto produzido pelo estudante que será tomado como foco de análise. Um trabalho que nos chegou a partir do nosso interesse na formação docente como vinculada aos modos de subjetivação. Sabendo das nossas discussões junto ao grupo de pesquisa e dos nossos artigos, fomos procurados por uma mãe que nos trouxe o trabalho, fazendo questão de ressaltar as transformações dele no filho. O efeito principal dizia da mudança de hábito alimentar. Para além de nos mostrar o trabalho, ela dizia de uma função da disciplina e da escola que aumentava sua crença na educação, ou seja, a escola tinha realizado uma mudança concreta no filho que ela mesma não tinha alcançado sucesso. Uma mudança para o bem. Ela estava feliz e essa felicidade dizia de certa eficácia do poder da escola e do professor no exercício de suas funções. Importa a ela o controle sobre as ações e os comportamentos do filho. A satisfação era perceber como o filho obedecia e passava a se disciplinar para o bem. A ação sobre o filho acabou sendo uma ação sobre a mãe. Ela renovou sua aposta na escola como lugar de ação sobre o filho, seu entendimento de educação como aquele ligado à transformação dos sujeitos no que a sociedade tem como discurso valorizado, como a ideia de saúde, alimentação saudável e, por último, sua compreensão do que é ser mãe.

Portanto, é esse texto escrito pelo estudante e esse exercício sobre si que estamos trazendo para o conhecimento. Ele escreve sobre essa proposta e o trabalho de conhecer a si mesmo.

> *A zona de conforto é a junção de suas ações, comportamentos e pensamentos que você já está acostumado, ou seja, confortável a realizar. Muitas pessoas podem pensar que isso é uma boa coisa. Já que fazer o que você está acostumado é algo bom e certo,*

> *não é? Bem, é sobre isso que vou falar nesse projeto de pesquisa. Porque você deve sair da zona de conforto*?

Ele já estabelece consigo mesmo uma relação de conhecimento, tanto para definir o que está chamando de "zona de conforto", quanto para advogar em torno dessa necessidade de se sair dela. O conforto é definido com algo conhecido ou aquilo que há necessidade de conhecer, aquilo que organiza nossas formas de pensar e agir. Então, conhecer nossas zonas de conforto está diretamente ligado em conhecer a nós mesmos. No entanto, o investimento é em outra ação, em abandonar esse conforto do pensamento e da ação. O investimento está em sair do lugar, ser diferente do que se é, em prol de outras formas de conhecer e agir. Falando sobre o tema da hermenêutica do sujeito, Foucault (2014b) vai esclarecer que seu interesse não era estudá-la somente em relação às formulações teóricas, mas sim "analisá-la em relação com um conjunto de práticas que tiveram, na Antiguidade clássica ou tardia, uma importância muito grande", ou seja, o "princípio que se tem em 'ocupar-se de si', em 'preocupar-se consigo mesmo'" (Foucault, 2014b, p. 177). Assim, sair da "zona de conforto" é algo que não está inscrito em um desconforto. Muito pelo contrário, investe na ideia da necessidade do sujeito se transformar para ter acesso à verdade, a partir desse ocupar-se consigo, inquietar-se consigo. É esse movimento do sujeito em direção a uma verdade que garantiria o conforto, a tranquilidade, já que está ligada ao conhecimento.

São essas problemáticas que identificamos no trabalho do estudante à luz das provocações da obra de Foucault. No limite, elas nos possibilitam colocar em discussão a hermenêutica do sujeito como algo que se constrói em torno de um sentimento de que temos algo oculto, escondido em nós mesmos e de nós mesmos. Vivemos nessa ilusão de nós mesmos, mantendo os segredos, ao mesmo tempo em que estamos sendo exigidos e nos exigimos, o tempo todo, de nos confessarmos a nós mesmos, de nos decifrarmos a nós mesmos para conhecer nossos desejos e nossas verdades. (Foucault, 2011). As relações entre sujeitos, verdade e cuidado de si nos convidam a pensar o que somos hoje.

Cuidado de si

O "cuidado de si" é um conceito grego que Foucault (2011) vai tomar como investigação para nos dizer que ele é central para entender a relação entre subjetividade e verdade. "Seria um erro acreditar que o cuidado de si foi uma invenção do pensamento filosófico e que ele constitui um preceito próprio à vida filosófica. Era, de fato, um preceito de vida […]" (Foucault, 2014b, p. 179). Definindo um pouco mais esse conceito, o autor nos diz que "Ocupar-se de si não é, então, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida" (Foucault, 2014b, p. 181). Ao voltar-se à Antiguidade para debruçar no cuidado de si como uma forma de vida para entender como ela vai se constituindo até a atualidade, Foucault (2011) reforça sua perspectiva histórica como metodologia de investigação. É essa análise história do cuidado de si que Foucault vai se interessar em fazer em *A Hermenêutica do Sujeito* (2011), ou seja, como foram construídas, historicamente, relações entre subjetividade e verdade? A partir de tal questão é que vamos pensar a aula e a atividade de Filosofia proposta pelo professor e que resultou no texto escrito pelo estudante. A proposta da aula de Filosofia e do trabalho são tomadas para que possamos problematizar o que nos acontece hoje, o que nos organiza ainda hoje, assim como constitui nossa sociedade como resultado de uma dimensão histórica com seus acontecimentos discursivos que se renovam. A ação do professor sobre os(as) estudantes parece demonstrar como somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos, somos herdeiros(as) dessa história do cuidado de si e das técnicas de si. Há uma história do cuidado de si que nos vincula à história da subjetividade como formação e transformação em nossa sociedade e cultura das relações consigo mesmo.

Nesse caminho, Foucault (2011) vai construir uma oposição entre o sujeito da verdade e o sujeito de verdade. O primeiro – o sujeito da verdade – seria esse definido a priori, capaz da verdade, determinado pela filosofia moderna. Nessa perspectiva, ele seria, por sua própria natureza, um sujeito da verdade, o que significa dizer que ele chega à verdade como uma maneira de confirmar o que se é e, assim, torná-lo ele mesmo. Não é esse sujeito que

Foucault encontra na filosofia antiga. Diferente desse sujeito a priori que confirma sua verdade, Foucault (2011) vai se dedicar a desvendar o sujeito de verdade em sua historicidade prática. Nesse tipo, a verdade não é o que confirma sua natureza, mas sim aquilo que o modifica no seu processo histórico de constituição, de tal forma que podemos falar do sujeito como sujeito de experiência.

O segundo – o sujeito de verdade – é o que Foucault persegue quando se dedica a reconstruir essa constituição partir dos textos gregos. Nesse exercício consigo mesmo, ele consegue identificar o marco original dessa experiência consigo, além de narrar os incômodos e desconfortos como resistência. Na relação do sujeito da verdade com o sujeito de verdade, Foucault (2011) conclui que não somos capazes de verdade a menos que nos coloquemos em movimento, em transformação. Essa parece ser a aposta do professor na sua aula, ou seja, uma aposta no sujeito de verdade, em um exercício dos(as) estudantes se colocarem em transformação de si sobre si mesmos(as). Para Foucault (2011, p. 181) "a verdade não é o que completa o sujeito, mas aquilo que o coloca em jogo, o interroga e o transforma. Desaprender (de-discere) é uma das tarefas importantes da cultura de si". Por mais paradoxal que possa parecer, desaprender também parece ser uma tarefa importante para as disciplinas escolares a partir da ideia de problematização em Foucault (2006) como liberdade do pensamento, como ação que nos provoca a colocarmos sob suspeita nossas formas de pensar e de agir.

Como nos lembra Foucault (2011, p. 63),

> […] todo o movimento do pensamento platônico a propósito do cuidado de si consistirá, precisamente, em dispô-las e subordiná-las ao grande princípio do "conhece-te a ti mesmo".

Na filosofia antiga esse princípio se encontra com a experiência entendida como possibilidade de troca e de transformação recíproca da verdade e do sujeito. É essa forma de experiência que parece ser incitada pelo trabalho da disciplina, proporcionando ao estudante uma troca e

transformação entre verdade e o sujeito. Nesse sentido, ele é capaz de situar o início desse processo de transformação e classificá-lo.

> *Saí da minha zona de conforto pela primeira vez sem perceber. Estava apenas fazendo algo que gostaria de adicionar na minha vida: uma melhor alimentação. Foi algo difícil de se fazer. Minha mente queria me bloquear de fazer isso, e logo criava resistência, o que normalmente faria com que eu me afastasse dessa ideia. Mas dessa vez eu continuei, mesmo não querendo. Após uma semana sem realmente não gostar do que estava comendo, comecei a não odiar alguns desses alimentos. Não que eu realmente gostasse deles, mas não eram mais um problema para mim. E finalmente, após uma/duas semanas, eu comecei a gostar de comer alguns deles. Colocava no prato com vontade e comia como se fosse qualquer outra coisa. Foi uma ótima experiência* (Excerto do trabalho analisado).

Ao final da narrativa ele consegue classificar a experiência como "ótima". Ótima porque foi capaz de se conhecer mais, de enfrentar a si mesmo como um outro, de superar as resistências do pensamento na ação. "É para conhecer-se a si mesmo que é preciso dobrar-se sobre si; é para conhecer-se a si mesmo que é preciso desligar-se das sensações que nos iludem […]" (Foucault, 2011, p. 63). No trecho acima, a narrativa é de uma ação que se realiza sem uma percepção prévia. Diz o adolescente: "Estava apenas fazendo algo que gostaria de adicionar na minha vida: uma melhor alimentação". Ele fala de um desejo que seria capaz de modificar sua vida. "Uma melhor alimentação" traz um adjetivo importante para pensar os efeitos dos discursos nas suas relações com saber-poder na constituição dos sujeitos. Ele aposta em uma ruptura, que só é entendida como tal na medida em que podemos supor que ele tinha uma alimentação ruim. Sair da zona de conforto passa por esse entendimento de que ele tinha práticas desaconselháveis de alimentação nos discursos de saúde e boa alimentação e que há a necessidade de modificação para o seu bem. Uma "melhor alimentação" denuncia para si mesmo uma continuidade: ele se alimentava

mal. O que isso significa? Minimamente que o estudante já tinha incorporado os discursos médicos e de saúde sobre o que é uma alimentação saudável. A ruptura só pode ser entendida diante dessa continuidade, já que ela só é ruptura porque rompe com essa continuidade.

No entanto, ao romper com essa continuidade, ela instaura, imediatamente, outra continuidade. Ele "adiciona" algo a sua vida, que dele desejava. O desejo conduz à mudança de comportamento. Mas de onde vem esse desejo de mudança, de sair daquilo que já conhecia, que dava conforto? Inicialmente parece vir da incorporação dos discursos de saúde ligado à alimentação saudável e a uma ideia de benefícios. O sujeito seria aquele capaz de se pensar, de confessar para si mesmo seus comportamentos e ações para, no momento seguinte, ser capaz de se modificar para o seu próprio bem. A relação de transformação de si passa pela relação com as práticas discursivas verdadeiras. O estudante se movimenta na prevalência do "cuida de ti mesmo" sobre o "conhece-te a ti mesmo". Mais do que o conhecer-se a si mesmo, é o cuidado de si mesmo que é mais comemorado, de tal forma que a narrativa parece ser construída em meio a uma satisfação, uma positividade.

O que Foucault (2011) nos mostra é que há uma subjetivação do cuidado de si. Ela estaria ligada à ética, ou seja, ela responderia a uma pergunta importante: o que nós podemos fazer da nossa vida? Isso significa dizer que somos incitados(as) a tomar nossa vida como material de um trabalho possível sobre nós mesmos(as). Nesse sentido, o trabalho proposto e seus efeitos no estudante podem ser entendidos como práticas ou exercícios que são acionados e que podem nos transformar, ao mesmo tempo que também dizem das regras de conduta que são valorizadas e que deveríamos adotar. Os discursos valorizados sobre boa alimentação acabam se estabelecendo como esses exercícios e regras de conduta recomendadas a todos. Disciplina os sujeitos e constitui subjetividades do cuidado de si. Com isso queremos dizer que no cuidado de si encontram-se princípios de uma estética e de uma ética da existência. Quando nomeia a ruptura a partir de uma "melhor alimentação", ele está falando de um exercício de si em uma ética da existência, uma nova forma de pensar e agir vinculada aos discursos verdadeiros ou a estruturas de verificação.

Ele também diz de uma luta consigo mesmo: “Foi algo difícil de se fazer. Minha mente queria me bloquear de fazer isso, e logo criava resistência…”. Uma “luta” consigo mesmo. O fato de vencer suas “resistências” parece servir para se conhecer ainda mais. Ele não apenas experimenta novos alimentos, mas ele vivencia uma outra forma de conduta para a vida, na vida. Ele diz de uma outra forma de ação consigo mesmo, uma perseverança que o agrada, que o faz ser outro: “Mas dessa vez eu continuei, mesmo não querendo”. Ao escrever essa frase e essa forma de comportamento, ele parece dizer da existência de dois sujeitos em um só: um que não queria continuar e outro que se manteve firme e continuou. Uma luta de um contra o outro. Uma luta entre um e outro que se dá na vida e no cotidiano, transformando as ações em formas de se conhecer e de seu cuidar. Ao final essa luta possibilita que ele classifique sua conduta como uma “ótima experiência”. “Após uma semana sem realmente não gostar do que estava comendo, comecei a não odiar alguns desses alimentos. Não que eu realmente gostasse deles, mas não eram mais um problema para mim. E finalmente, após uma/duas semanas, eu comecei a gostar de comer alguns deles. Colocava no prato com vontade e comia como se fosse qualquer outra coisa. Foi uma ótima experiência”. O que significa dizer que foi uma “ótima experiência”? Há um juízo de valor nessa experiência. Ele está satisfeito consigo mesmo. Podemos pensar que a experiência foi ótima porque ela serviu para um retorno dele a ele mesmo. Ao voltar-se para si mesmo, ele parece ter encontrado salvação para si mesmo, em um processo de conversão a si mesmo, de domínio de si mesmo. Ele sai da experiência com uma nova verdade sobre si. Mais do que essa verdade sobre si, podemos dizer que o processo de cuidar de si mesmo parece dar satisfação.

Uma ação que se desdobra em outra. Da alimentação ao banho frio. Ambas trazem os discursos dessas práticas para o bem-estar e para a saúde dos sujeitos, nos provocando a problematizar nossas relações com os discursos e a produção da verdade.

> *Eu não sabia de muita coisa sobre esse tal “Zona de Conforto”. Mas isso mudou quando vi um vídeo de um canal que apareceu aleatoriamente em meus*

> *recomendados do Youtube. Não vou conseguir lembrar exatamente de qual canal que apareceu. Mas lembro do conteúdo. Era um desafio de tomar banho frio por 30 dias seguidos. Parecia uma loucura. Porque alguém faria isso? Enquanto fui vendo, o criador do vídeo foi explicando o porquê de fazer isso. Dizia sobre a zona de conforto, de que quando não saímos dessa coisa nós nos privamos de humildade, ficamos mais fechados e menos flexíveis, não evoluímos já que não iriamos fazer nada de diferente, e mais coisas. Também falou sobre os benefícios do banho frio. Nunca imaginei que tanta coisa boa seria associada a um simples banho. No final do vídeo, fiquei inspirado e decidi também fazer esse desafio* (Excerto do trabalho analisado).

O vídeo do YouTube é a ação do outro sobre nós. Uma ética e uma estética da existência vinculadas às relações entre discurso e subjetividade. Na obra de Foucault (2011) essa discussão está estabelecida no diálogo de Sócrates com Alcebíades, deslocando-se até o princípio da era cristã. Assim, podemos dizer que essa relação entre discurso e subjetividade atravessa toda obra, problematizando o exterior como determinante do interior, como constituidor das subjetividades. Dessa forma, Foucault (2011) está nos convocando a pensar uma história das práticas da subjetividade, como aquela evidenciada e construída por discursos. É nessa história que a questão do cuidado de si, ligado à produção de subjetividade, traz para o debate uma certa moral, uma ética e também uma estética, uma vez que os sujeitos são resultados dos discursos.

A proposta do trabalho recorre ao princípio délfico "conhece-te a ti mesmo" com a intenção de conduzir os(as) estudantes à busca da verdade sobre si. Segundo Foucault (2011), a partir desse princípio implica-se levar o sujeito à busca da verdade sobre si. "Há uma sobreposição dinâmica, um apelo recíproco entre o gnôthi seautón e a epiméleia heautoû (conhecimento de si e cuidado de si)" (Foucault, 2011, p. 64). Para chegar ao "conheça-te a ti mesmo", essa busca do sujeito sobre a verdade de si mesmo, há necessidade, primeiramente, da construção dessa verdade, o que significa pensar na produção e na manutenção do discurso como prática.

Essa relação da subjetividade com a verdade e com os discursos verdadeiros é o foco do trecho anterior da narrativa. Ela começa exatamente identificando uma mudança: "*Eu não sabia de muita coisa sobre esse tal 'Zona de Conforto'. Mas isso mudou quando vi um vídeo de um canal que apareceu aleatoriamente em meus recomendados do Youtube*". Um estudante de quatorze anos que elege as redes sociais como fonte de pesquisa. Ele atribuiu ao YouTube um processo de mudança de conhecimento e de uma forma de lidar consigo mesmo. Um conhecimento produzido a partir de um desafio: "Era um desafio de tomar banho frio por 30 dias seguidos". Um desafio que possibilita estabelecer outra relação consigo, de se conhecer a partir de uma nova experiência. Para isso há um convencimento: "o criador do vídeo foi explicando o porquê de fazer isso. Dizia sobre a zona de conforto, de que quando não saímos dessa coisa nós nos privamos de humildade, ficamos mais fechados e menos flexíveis, não evoluímos já que não iriamos fazer nada de diferente, e mais coisas. Também falou sobre os benefícios do banho frio". Os argumentos utilizados para convencer a encarar o desafio vão se constituindo como discurso verdadeiro na medida que estabelece no desafio a possibilidade de um conhecimento do sujeito sobre si mesmo.

Assim, o discurso verdadeiro é aquele que é produzido pelo próprio sujeito, como resposta ao desafio de se decifrar por meio de procedimentos de entrada em contato consigo e de confissão, como as sensações do banho frio. Há um exercício anterior que está vinculado ao convite de pensar por que não tomo banho frio? O que não gosto no banho frio? Questões que convidam a entrar em contato consigo mesmo e confessar para si mesmo para, no momento posterior, entrar em contato com novas relações consigo e com produção de discurso de verdade. O estudante acaba exercitando algo próximo ao que Foucault (2011) vai analisar como discurso verdadeiro da filosofia antiga, ou seja, como um empreendimento de subjetivação do sujeito como aquele ligado à ação e à conduta. "Nunca imaginei que tanta coisa boa seria associada a um simples banho. No final do vídeo, fiquei inspirado e decidi também fazer esse desafio". É importante não perder de vista que esses processos do cuidado de si se dão no interior de uma instituição – a escola –

algo que nos chama a problematizar essa instituição como um dos espaços de construção nas suas relações com a subjetividade e com a verdade.

A escola

O que podemos aprender ao analisar a atividade proposta pelo professor de Filosofia como modo de estudar metodologias de investigação? Observamos que o movimento do estudante, cujo texto tomamos de empréstimo, foi o de voltar-se a si mesmo, investigar-se a partir de determinadas práticas de si. A atenção ao corpo, aos sentidos, ao que se faz “comum”, “confortável”, conduziu o estudante a ocupar-se consigo mesmo. Assim, destacamos o lugar da escola e da disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental como potenciais disparadores de práticas a partir das quais os sujeitos podem tomar a si mesmos sob exame, colocarem-se sob atenção, não como atitude individualista, mas para modificar seus modos de ser e de estar no mundo.

Foucault (2011) aponta dois aspectos importantes sobre o cuidado de si na Antiguidade clássica. O primeiro é que o cuidado de si se realiza pela ocupação do sujeito consigo mesmo em termos de uma atitude geral, como certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo – uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. O segundo é que o cuidado de si pode ser tomado como certa forma de atenção ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Enquanto exercícios (práticas) de si para consigo, seria uma atividade vigilante, contínua, aplicada e regrada, visando à modificação do sujeito.

Nesse sentido, retomamos a ideia de que o cuidado de si, e o consequente conhecimento de si, não se faz para fins de crescimento individual, como se pode pensar à primeira vista. Não se tratava de um retorno a si mesmo “egoísta”, ou, como analisa Gros (2011, p. 482), não se tratava de uma “autocontemplação satisfeita e prazerosa”, uma “busca narcísica, fascinada e deslumbrada de uma verdade perdida do eu”. Voltar-se a si é um movimento que o sujeito faz para tornar-se outro de si mesmo,

para pensar e agir diferentemente, como propõe Foucault. Assim, "não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve" (Gros, 2008, p. 132). Faz-se necessário, portanto, analisar se as mudanças apontadas pelo estudante, ao realizar determinadas práticas de si, podem ser pensadas como modos de transformação da experiência de si.

Que impactos produz esse exercício filosófico proposto pelo professor? O estudante, ao tomar a experiência como algo a ser narrado, vai nos dando pistas de como seu olhar sobre o mundo foi "desacomodado" pela atividade. No jogo entre o "costume" e o "hábito", que geram aparente conforto, e o "incômodo" provocado pelas tentativas de colocar-se diante de práticas que o desafiassem, são as relações com o mundo que vão se alterando. Em especial, a ideia de que nossos olhares sobre as coisas são condicionados por processos educativos que nos acomodam e nos posicionam no social e na cultura sem que transformemos isso em objeto de problematização.

Foucault (2006, p. 231-232) opera com a problematização como um exercício do pensamento, ou seja, o que nos possibilita "tomar distância" em relação aos nossos modos de fazer e de (re)agir, interrogando-os "sobre seus sentidos, suas condições e seus fins". Como ele mesmo nos diz, "o pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímo-lo como objeto e pensamo-lo como problema". Considerando o vivido por um estudante adolescente, apostamos na ideia de que, a partir da atividade proposta pelo professor de Filosofia, ele toma distância em relação a algumas das suas maneiras de fazer e de agir, as toma como objeto de pensamento e as interroga sobre seus sentidos aparentemente estáveis, costumeiros. Marshall (2008, p. 31), inspirado em Foucault, nos indica que essa operação do sujeito diz da liberdade de separar-se do que se faz, estabelecendo isso como "problema", ou seja, como objeto de pensamento.

Assim, a atividade proposta pelo professor de Filosofia serve para inspirar outros modos de relação com o mundo, como um exercício filosófico que aciona mais do que o conhecimento sobre as tradições e ideias dos(as) filósofos(as). Se tomarmos as práticas de si como ações que envolvem desnaturalizar, "dar um passo atrás" em relação ao que se pensa

e ao que se faz, vinculando o sujeito a certas "escolhas de existência", entendemos que a atividade aposta nessa conversão sobre si mesmo, em um modo de ocupar-se consigo mesmo. Sob essa perspectiva, a atividade pode acionar o cuidado de si como modo de estabelecer movimentos em que a relação entre sujeito e verdade vincula-se a uma ética de existência, pautada em certos preceitos e regras de vida. Diferente da noção Moderna de que a verdade é "dada" ao sujeito por um ato de conhecimento, no cuidado de si é preciso um "trabalho" do sujeito sobre si mesmo, que "arranca" o sujeito do seu status e da sua condição atual, como modo de ter acesso à verdade que guiará sua existência (Foucault, 2011).

Ao pensar sobre um desses trabalhos realizado sobre si, o estudante nos dá pistas de como a atividade proposta por seu professor o fez operar com a Filosofia como exercício que toma seus pensamentos e condutas como "problema", transformando seus modos de relacionar-se consigo mesmo. Ele nos diz:

> *Com o tempo a água fria parecia mais uma água morna. Senti os benefícios de sair da zona de conforto na pele. Fiquei mais confiante, com um controle melhor, independente de precisar tomar um banho quente, me abri para novas oportunidades e percebi, mesmo nesse pequeno desafio, o privilégio de poder sempre ter uma água quente quando você quiser em sua casa* (Excerto do trabalho analisado).

Mais do que uma ação reflexiva em que o sujeito se volta para a sua interioridade, para o seu autoconhecimento, apostamos que ideia de que a atividade realizada pelo estudante produziu outras relações consigo e com o mundo. Um exercício que possibilitou movimentos de constituição de uma subjetividade permeável às "novas oportunidades", à experimentação como uma forma de se conduzir eticamente. Além disso, um exercício que possibilitou pensar-se na relação com o social, no "privilégio" de poder ter sempre à sua disposição o banho com água quente, algo que pode indicar a modificação de si como forma de alterar nossa existência e nossa relação ética com os outros. É assim que tomamos a atividade proposta pelo professor de

Filosofia como um exercício de produzir os movimentos em direção a subjetividades menos normatizadas, mais atentas às relações com o mundo.

O estudante associa a experimentação propiciada pela atividade a questões muito práticas de sua experiência como adolescente de classe média, porém, isso diz dos modos como se constituem sentidos de uma realidade para ele. É o que se apresenta para ele como questões mais imediatas a serem pensadas, considerando sua formação como sujeito nos contextos a partir dos quais se constitui, especialmente o contexto familiar. Assim, entendendo que a atividade é um exercício possível no âmbito de uma proposta pedagógica que pode incitar os(as) estudantes ao cuidado de si, colocamo-nos a pensar a possibilidade de continuidade dessa proposta, envolvendo outros exercícios filosóficos, a fim de despertar a inquietação também para questões menos imediatas e individuais. Ao pensar sobre o "privilégio" de ter água quente para o seu banho e de como isso significa uma posição de conforto, o estudante parece indicar a necessidade de que a transformação de si busque estabelecer uma atenção às relações, em que o ato pedagógico produza a inquietação com questões sociais, especialmente aquelas que dizem do convívio democrático e da produção das diferenças em contextos de desigualdades.

Ortega (1999, p. 34) nos sugere elementos para aproximar essa proposta de continuidade ao pensamento foucaultiano. O autor comenta sobre o encontro de Foucault com experiências políticas e de revolta no Irã, que o afetaram a ponto de passar a tomar política como ética, como forma de se rebelar "contra formas estabelecidas de subjetividade e aspirando à criação de outras novas". Assim, Foucault estaria construindo noções de que não há transformação do mundo sem a transformação de si mesmo, o que nos parece importante para pensar a educação e algumas das funções que a escola pode assumir no sentido de produção de subjetividades. A inspiração no pensamento foucaultiano é a de que a educação, como composição de certos exercícios filosóficos, nos conduza a crítica do que somos, do que viemos nos tornando, das implicações pessoais, políticas e culturais de estabelecermos certas relações com a verdade e com o conhecimento, as quais nos levem aos "descaminhos".

O sentido de continuidade da proposta do professor de Filosofia, tomando a prática pedagógica como uma composição com exercícios filosóficos a partir dos quais os(as) estudantes passem a uma atitude ética de atenção a si mesmos(as) e consequente transformação de si na relação com o mundo, não se coloca como imperativo a ser adotado por todos(as), no sentido de propor caminhos modelares a serem adotados. Embora Foucault (2011) nos proponha a pensar no cuidado consigo mesmo como algo coextensivo à vida, à arte de viver (*tekne tou biou*), como uma obrigação permanente que deve durar a vida toda e fazer-se presente em todos os momentos da vida, ele não se impõe como "lei universal". Trata-se de constituir sujeitos que se conduzem moralmente de determinados modos, estabelecendo relações com os elementos prescritivos dos códigos morais, as quais implicam a liberdade das decisões éticas na condução de sua existência.

Na sala de aula, no jogo das relações pedagógicas, circulam valores, modos de conduta, sugerem-se caminhos e insinuam-se certas moralidades. Os exercícios filosóficos propostos pela educação escolar poderiam, nesse sentido, lidar com esses elementos como propostas de relação consigo e com o mundo, sem, no entanto, tratá-las como regras que conduziriam normativamente as existências de todos(as). Como Foucault (2011) nos inspira a pensar, trata-se sempre de uma escolha de modo de vida que possibilita uma separação entre aqueles(as) que escolheram esse modo de vida e os outros. Nesse sentido, poderíamos questionar: a proposta de exercício e de condução da atividade pelo professor afetou todos(as) estudantes da mesma forma? Considerando os processos de constituição de subjetividades como sendo resultados de dinâmicas e de redes de saber e de poder cujos atravessamentos são múltiplos, não nos cabe instaurar homogeneidade de valores e condutas, estabelecendo uma moral como conduta generalizada, esperando que todos(as) os(as) estudantes se inquietarão com a atividade ou mesmo que o movimento de conversão a si resultará nas transformações esperadas.

O que conduziria a proposta é a possibilidade de problematizar os códigos morais que prescrevem modos de existência como obrigação de todos(as), apontando para modos de conduta que inspirem éticas de

liberdade, mais do que de assujeitamento, nas quais inquietar-se consigo e com o mundo signifique "sair da zona de conforto", como propõe a narrativa que tomamos de empréstimo neste artigo. "Abrir-se para o novo", "testar coisas diferentes", o que pode inclusive trazer um "desconforto inicial", é a aposta ética do estudante. Ele nos diz que "Quanto mais você se aventura para fora da sua zona de conforto, mais ela se aumenta. Em minhas próprias experiências, quanto mais tempo passava fora da zona de conforto, mais ela se expandia. Me acostumava com o que estava fazendo".

A perspectiva do estudante insinua um trabalho sobre si mesmo que opera por rupturas e continuidades. À medida que a "zona de conforto" se modifica e se amplia, novos "confortos" se produzem, indicando a potencialidade de novas rupturas. Tal perspectiva se alinha à proposta de continuidade da ação pedagógica na composição com exercícios filosóficos de inquietação pela educação, como argumentamos anteriormente, os quais podem funcionar como problematização da vida como apenas busca pelo conforto, pelas certezas, pela proximidade com o já conhecido e o já vivido. Uma aposta em subjetividades forjadas também no desconforto, no se desacomodar com o mundo.

Por fim, ainda há dois aspectos que consideramos relevantes para vincular a ação pedagógica do professor de Filosofia e a experimentação de si produzida pelo estudante à discussão sobre o cuidado de si. A atividade pedagógica proposta como exercício para os(as) estudantes envolvia o engajamento com um projeto de pesquisa, prevendo a escrita sobre o que fora vivenciado. Assim, não apenas a realização do projeto de investigação, mas a própria escrita constituiu-se como processo educativo e prática de si. Na Antiguidade clássica, as práticas de ascese, que se exerciam dos sujeitos sobre suas próprias ações e pensamentos, eram diversas: abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações e a escrita, como elementos indispensáveis ao cuidado de si (Foucault, 2006). Foucault dizia de outro tempo, outra sociedade, na qual tais práticas, incluindo a escrita, tinham significados muito distintos daqueles a que podemos nos vincular no contemporâneo.

A escrita de si, sob a perspectiva aqui tratada, teria uma "função etopoética", ou seja, funcionaria como um modo de transformação dos

discursos reconhecidos como verdadeiros em éthos, ou seja, "em forma de conduta para moldar a própria vida, como o artesão que com as mãos dá forma ao barro", permitiriam as atividades de um cuidado de si e do outro (Gallo, 2006, p. 185). Sabendo das distâncias e das especificidades dessa prática, que se revestia de diversas modalidades, como cadernetas pessoais e correspondências, contendo diversos registros (situações testemunhadas, reflexões, citações, memórias etc.), voltamo-nos para a escrita como parte importante do exercício filosófico proposto pelo professor de Filosofia, de forma aos sujeitos ocuparem-se de si mesmos. Sobretudo, a escrita que tomamos de empréstimo para análise apresenta um caráter de exercício em que o estudante olha a si mesmo, examina-se, narra a si mesmo, afetando a si e a quem lê. Nesse sentido, a escrita, para além de sua função específica na ordem escolar, passa a funcionar como prática envolvida em uma educação para o cuidado de si.

Outro aspecto a considerar é que o cuidado de si não era solitário, mas instigado pela presença de um outro, que na Antiguidade greco-romana estava presente em atividades eminentemente sociais, como conversações, amizades, trocas de cartas e ensinamentos em escolas. Além disso, o cuidado de si era disparado pelos mestres. No livro *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2011) apresenta Sócrates como um mestre que incitava os outros a se ocuparem consigo mesmos. Incitar ao cuidado de si envolvia ações diversas, como interrogar o outro, ministrar ensinamentos, interpelar as pessoas e despertar algo nelas. O professor de Filosofia pode ocupar o lugar do mestre, propondo aos(às) estudantes exercícios filosóficos de cuidado de si, nos quais ele inquieta e se deixa inquietar pelos relatos que fazem de suas experimentações. Inclusive, podemos pensar que a inquietação do mestre se irradia para outros lados, como no caso das famílias dos(as) estudantes, além de nós, autores deste artigo. No caso do trabalho aqui analisado, foi o modo como ele interpelou a família que trouxe até nós a possibilidade de construir esta escrita.

Pensando sobre o inquietar-se na educação, inspiramo-nos em Gallo (2006), que nos apresenta o cuidado de si e do outro como atividade que exige reciprocidade, ou seja, ao me voltar para a ascese de mim mesmo, ocupo-me comigo para que outros se ocupem de si. Nas relações

pedagógicas escolares, o professor, ao ocupar-se de si, possibilita que o cuidado consigo seja também cuidado com o outro, a depender do modo como opera suas ações, operando em contextos de práticas de liberdade, e não de controle e domínio das vontades do outro. Um jogo de reciprocidade de uma ação ética, "em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros; em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros" (Gallo, 2006, p. 188).

Considerações finais

Com os nossos argumentos neste artigo buscamos demonstrar a importância e a fertilidade do pensamento foucaultiano para o campo da educação. Na introdução destacamos que Foucault seria um "instaurador de discursividade", como defende Sílvio Gallo (2014). Foi essa "função autor" que acionamos, entendendo que sua potencialidade na educação é podermos fazer multiplicar os discursos sobre sua obra. Nos seus últimos cursos e, entre eles, o de 1982 – *A Hermenêutica do Sujeito* – Foucault se dedicou a investigar o sujeito e seus processos de instituição de um conhecimento de si. A preocupação, como já afirmamos, estava circunscrita na relação entre subjetividade, verdade e cuidado de si. Para isso ele vai se manter fiel a sua perspectiva histórica, ampliando sua preocupação inicial para buscar entender como se processou essa longa e contínua história de tomar o sujeito como objeto de conhecimento. Essas preocupações nos convocam a pensar e problematizar os processos educativos de constituição dos sujeitos, nos possibilitando colocar sob suspeita a educação, a escola e a ação docente. Pois foi esse caminho que percorremos ao tomarmos a proposição de um trabalho da disciplina Filosofia que renovava esse investimento no sujeito cognoscível para encontrar pistas que nos ajudem a pensar a questão: como foi possível essa construção do sujeito como algo desejável e até mesmo necessário para nós?

Ao investigar a história dos modos pelos quais nós nos tornamos sujeitos, Foucault nos oferece um arcabouço teórico e ferramentas potentes

para a crítica às subjetividades como processos educativos. Trabalhando com o cuidado de si, nós buscamos construir problematizações a uma prática que nos organiza e que está presente na educação: a experiência com uma forma vivida nas suas relações com a verdade. Foi esse aspecto que nos chamou atenção como proposta e efeito da ação do professor de Filosofia com o trabalho proposto. Como os(as) estudantes são chamados(as) a se pensarem em meio à verdade, colocando-se como objetos de investigação e que tem efeitos na educação. A escola se encontra com outras instituições e espaços educativos que incentivam essa forma de lidar consigo mesmo, fazendo da educação um exercício do pensamento com o objetivo de fazer confessar e de se inquietar consigo mesmo. O cuidado de si parece propor uma vida de autoria de si mesmo.

Retomando a proposta de Foucault de nos conduzirmos à Antiguidade clássica como modo de pensar o presente, ressaltamos que não se trata de glorificar as articulações entre subjetividades daquele contexto histórico, tomando-as como modelos para uma ética de existência no contemporâneo. Inspiramo-nos em Foucault para destacar as formas pelas quais a educação pode desafiar as subjetividades do nosso tempo, inquietando os sujeitos a ocuparem de si mesmos, em um trabalho ascético de deslocamento, que na Antiguidade representava o movimento entre aquelas a serem recusadas e aquelas a serem alcançadas. No contemporâneo, podemos dizer desse movimento como um modo político de constituir éticas de existência que recusem formas normatizadas (e normatizadoras) de produção de si. Nesse sentido, práticas educativas como a que tomamos de inspiração neste artigo podem se configurar como práticas de si que não visam ao assujeitamento, mas a compor existências eticamente mais livres. Eis o nosso desafio.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. Foucault e a pesquisa educacional brasileira: depois de duas décadas e meia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 45-71, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623661605. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/QYCd5S8cs78Qgw5yhv6C34c/abstract/?lang=pt. Acesso em: 22 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos volume V*: Ética, Sexualidade, Política. 2. ed. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. Hermenêutica do Sujeito. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, volume IX*: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault e o Zen: uma Estada em um Templo Zen. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, volume IX*: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

GALLO, Sílvio. Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault. *In*: GONDRA, José; KOHAN, Walter (Orgs.). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 177-189.

GALLO, Sílvio. Editorial: O "efeito Foucault" em Educação. *Pró-Posições*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 15-21, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/MCtFSfqBwtSLygWyZyQDV4J/?lang=pt. Acesso em: 22 jun. 2022.

GALLO, Sílvio. Repensar a Educação: Foucault. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2004. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25420/14746. Acesso em: 22 jun. 2022.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 127-138.

GROS, Frédéric. Situação do curso. *In*: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da

Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 455-493.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. *In*: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina (Orgs.). *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25-39.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Data de registro: 23/01/2023

Data de aceite: 20/03/2024